



O assombro e a profecia na poética de Primo Levi

Astonishment and prophecy in Primo Levi's poetry

Karla Louise de Almeida Petel*

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Rio de Janeiro, Brasil

karlapetel@letras.ufrj.br

Resumo: O italiano e sobrevivente do Holocausto, Primo Levi, é considerado o maior expoente da prosa testemunhal do pós-guerra. Seu trabalho poético, entretanto, parece estar localizado no vértice disso: caracterizando-se *a priori* como mais esporádico e menos conhecido. Este artigo objetiva, portanto, pensar qual o seu lugar na linha do tempo e no quadro de suas produções literárias. A pesquisa aborda também os principais aspectos da poesia de Levi, tanto no que diz respeito à forma como no que concerne ao conteúdo. Para tanto, analisa-se, em termos gerais, as linhas de força que constroem sua identidade como escritor de textos em versos, através de dois temas que potencialmente se alastram pelos seus poemas – o assombro e a profecia (cuja relação com a experiência do Lager está dada). A partir desse par temático, desdobram-se outros tópicos associados, que serão também contemplados através de uma reflexão crítica e interpretativa, perfazendo ainda um caminho de busca pelo inconsciente dos textos.

Palavras-chave: Poética de Primo Levi. Assombro. Profecia. Shoá.

Abstract: The Italian and Holocaust survivor Primo Levi is considered the greatest exponent of post-war testimonial prose. His poetic work, however, seems to be located at the vertex of this: characterizing *a priori* as more sporadic and less known. This article aims, therefore, to think about his place in the timeline and in the framework of his literary productions. The research also addresses the main aspects of Levi's poetry, both in terms of form and content. In order to do so, we analyze, in general terms, the lines of force that build his identity as a writer of texts in verse, through two themes that potentially spread through his poems - the astonishment and the prophecy (whose relationship with the experience of the Lager is given). From this thematic pair, other associated topics are unfolded, which will also be contemplated through a critical and interpretive reflection, still making a path of search for the unconscious of the texts.

Keywords: Poetics of Primo Levi. Haunt. Prophecy. Shoah.

* Doutora em Estudos Judaicos pela Universidade de São Paulo e Professora de Língua e Literatura Hebraicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Primo Levi se consagrou como o maior escritor de prosa memorialista que o período do pós-guerra nos legou. Nascido na cidade italiana de Turim, químico de formação e autor de textos emblemáticos como *É isto um homem?* (1947), *A trégua* (1963) e *Afogados e sobreviventes* (1986), Levi nos arrebatou com testemunhos literários sobre a experiência de viver a barbárie e o trauma dos campos de concentração nazistas.

Além desses textos mais reconhecidos, o sobrevivente da *Shoá*¹ se dedicou, ainda, a produzir contos e ensaios, performando uma atuação notadamente diversa como autor. Entretanto, o que muitos leitores desconhecem é que Primo Levi também é autor de poemas, convulsionando o horror da guerra através da escrita em versos. Na verdade, a poesia de Levi, em geral, constelou temas bastante variados, mas ter vivido o contexto de quase dizimação da comunidade judaica no Leste Europeu acabou deixando marcas indelévels em sua literatura. É por isso que, por vezes, não necessariamente estamos lendo sobre a temática do Holocausto, mas tudo o que nos salta aos olhos em seus textos é a relação com terreno pantanoso do *Lager*². É como se, de alguma maneira, tudo o que ele tem a dizer passasse invariavelmente pelo caos e a terra devastada que a guerra é capaz de criar. “Falando na língua da melancolia, podemos pensar que algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro do sobrevivente”.³

O primeiro texto poético que Levi publicou foi antes mesmo de *É isto um homem?*. Tinha acabado de passar por Auschwitz, onde permaneceu prisioneiro durante o período de onze meses. Amigo do editor responsável por um semanário comunista da Itália (de nome *L'Amico del popolo*⁴), foi por meio deste periódico que tornou conhecidos outros dez poemas de sua autoria: “Uma produção errática e sem método, como confessaria mais tarde. E realmente são bastante distintos, no tom altissonante e na voz às vezes estridente, da prosa do autor, que frequentemente se recusa a maiores derramamentos”.⁵

O que se pode afirmar, então, é que em meio à toda sua produção de prosa ao longo dos anos houve como que um intercalar/entrelaçar de poesia.

¹ Palavra em hebraico que significa “catástrofe”, “cataclisma”. Atualmente, é preferida por muitos pesquisadores, já que sua conotação designa melhor o evento sofrido pelos judeus da Europa durante o nazismo.

² Palavra em alemão que durante a Segunda Guerra Mundial se referia a campos de concentração, campos de extermínio ou campos de trabalhos forçados.

³ SELINGMANN-SILVA, 2008, p. 69.

⁴ *O amigo do povo*, em italiano.

⁵ DIAS, 2019, p. 10.



O poema tem na obra do escritor um caráter fundante, e uma anterioridade lógica em relação à prosa. Levi inseriu poemas como epígrafes em todos os seus livros de cunho testemunhal. Seu primeiro testemunho, *É isto um homem?* traz, como epígrafe, o poema “Shemá”, donde se extrai, também, o verso que dá título ao livro. A poesia comparece do início ao final, como contracanto à narrativa testemunhal.⁶

Além das epígrafes com textos próprios, há que mencionar ainda o diálogo que Levi estabelece com poemas diversos da tradição italiana e de outros países da Europa. Em diferentes momentos, é possível identificar quais interseções o escritor propõe, trazendo para seu bojo uma releitura de textos poéticos ora já consagrados, ora menos populares. Em ambos os casos, a erudição fica evidente e valoriza a dinâmica das culturas em contato.

A produção literária do escritor estaria apoiada então sobre dois vieses em certo contraste: enquanto sua prosa tende à dureza da objetividade, a poesia parece se pronunciar de modo mais pujante e com relativamente mais rodeios. O emparelhamento parece que se constrói sensivelmente espelhado, já que a forma concisa e fragmentada dos versos serve ao desdobrar de imagens e a forma fluida da escrita em prosa se entrecorta através de um contingente estético preciso e breve. O poema a seguir sintetiza um pouco dessas noções:

O canto do corvo (I)

“Eu cheguei de muito longe
Para trazer a má notícia.
Passei por cima da montanha,
Atravessei a nuvem baixa,
Espelhei no pântano meu ventre.
Voei sem descanso,
Por cem milhas sem descanso,
Para encontrar sua janela,
Para encontrar seu ouvido,
Para trazer-lhe a terrível nova
Que lhe tire a alegria do sono,
Que lhe corrompa o pão e o vinho,
Que se assente à noite em seu coração.”

⁶ MACÊDO, 2019, p. 1.



Assim cantava torpe dançando,
Atrás da vidraça, sobre a neve.
Ao se calar, olhou maligno,
Riscou com o bico o solo em cruz
E estendeu as asas negras.⁷

A cena concerne à aparição sombria de um corvo a um expectador que o enxerga através da vidraça da janela. A impressão é de que em átimos de segundos esse observador foi capaz de captar os significados que a ave carrega e decifrar o que está para acontecer em um futuro próximo.

Nas primeiras linhas do poema, é o próprio pássaro quem diz “eu”. Ele mesmo narra seu percurso até ali e expõe seu objetivo. Trata-se de uma narração gradativa: a ave sinaliza o ponto de partida como longínquo, menciona a diminuição de seu raio de voo até, por fim, chegar a uma janela específica. Até encontrar um ouvido em particular. A imagem é bastante plástica e detalhada através de características de um cenário que também tem muito a dizer. Essa mediação de significados é construída então por alguém que, em posição de testemunha de um evento (por mais simples que seja), faz uma leitura intuitiva e mística do que se lhe apresenta.

Como em geral é sabido, o corvo é uma ave de plumagem quase sempre negra e popularmente encarada como um sinal de mau presságio. É por isso que o texto fala em ser mensageiro da “terrível nova”. Muito comumente o corvo também é associado à morte, já que possui hábitos necrófagos. Sua presença seria então um prenúncio de algo ruim e incontornável prestes a ocorrer. O rabisco em forma de cruz que o pássaro faz com o bico sobre a neve reforça o mau agouro.

Para além do sinal da cruz, a contaminação do pão e do vinho por parte da terrível notícia trazida pelo corvo igualmente aponta para a morte (ou para um tipo de incontornável ausência de vida). Esses que seriam, na visão do cristianismo, os símbolos da carne partida de Jesus e de seu sangue derramado para que a humanidade tivesse vida, estariam agora corrompidos. É como se sua função, depois da existência de câmaras de gás e fornos crematórios, ficasse em suspensão. Ou não fizesse mais sentido. Afinal, nada pôde ser feito para que a vida fosse preservada. Nada foi capaz de interromper as engrenagens da indústria da morte. Com isso, fica então a pergunta que ressoa até hoje: como foi humanamente possível?

Cabe sinalizar, ainda, que a imagem do pássaro que espelha no lodaçal seu ventre chega a ser, de certa maneira, reentrante nos textos de Levi, pois com frequência o

⁷ LEVI, 2019, p. 23.



escritor tece associações entre os campos de concentração e o charco de lodo. No texto *É isto um homem?*, o escritor afirma: “Parecia impossível que existisse realmente um mundo e um tempo, a não ser *nosso mundo de lama* e nosso tempo estéril e estagnado, para o qual já não conseguíamos imaginar um fim”.⁸

Parte integrante que abre a mesma principal obra testemunhal do autor, o poema *Shemá*⁹ menciona os seguintes versos: “[...] / Considerai se isto é um homem / Que trabalha *na lama* / Que não conhece paz / Que luta por um naco de pão / Que morre por um sim ou por um não”.¹⁰

No poema “O canto do corvo (I)”, nota-se ainda que as estruturas inicialmente repetitivas nos versos “Para encontrar sua janela, / Para encontrar seu ouvido, / Para trazer-lhe a terrível nova”, bem como “Que lhe tire... / Que lhe corrompa... / Que se assente...” são responsáveis por dar ênfase a determinadas ações, assim como são por criar a ideia de errância linguística em torno de um lugar a que não se chega. Ou melhor, em torno de um lugar a que se evita chegar, mas que em algum momento, inescapavelmente, se chega. Essa estrutura anafórica de retomada é considerada característica manifesta da poética de Levi, bem como a brevidade dos versos e o ritmo marcado. Aqui, é importante ressaltar que apesar da presença detectada do lirismo errante, o poder de concisão próprio da escrita em versos continua posto.

Levi escreveu a continuação “O canto do corvo (II)” e nela a ave persiste em impor sua presença funesta carregada de maus prenúncios.

“Quantos são os seus dias? Eu os contei:
Poucos e breves, todos de tormentos;
Dessa angústia da noite inevitável,
Quando a sós nada serve de anteparo;
Do temor da alvorada seguinte,
Da espera por mim, que o aguardo,
De mim, que (inútil, inútil fugir!)
Vou persegui-lo até os confins do mundo,
Cavalgando sobre o seu cavalo,
Manchando a ponte de sua nave
Com minha pequena sombra escura,

⁸ LEVI, 1988, p. 172, [grifos meus].

⁹ Palavra hebraica que significa “escuta!”. Por ser a primeira palavra da prece fundamental do judaísmo, seu título ficou homônimo.

¹⁰ LEVI, 2019, p. 25 [grifos meus].



Sentando-me à mesa onde você se senta,
Hóspede sem falta dos seus refúgios,
Parceiro sem falta dos seus descansos.

Até que se cumpra o que foi dito,
Até que sua força se desfaça,
Até que você mesmo se acabe
Não com um baque, mas com um silêncio,
Como em novembro as árvores se despem,
Como se encontra parado um relógio.”¹¹

Aqui, parece que o eu lírico tem perfeita onisciência sobre a vida de seu interlocutor. O corvo conhece detalhes de seus dias: quantos são e como são carregados de aflição. Ainda que abreviados, são praticamente uma noite que não finda. Não existe luz do dia que interrompa a escuridão. Por isso o corvo é a ave protagonista da cena e dele não se pode esquivar. Ele é capaz de perseguir o interlocutor, como o próprio nazismo seria o carrasco imparável de suas vítimas. Sua sombra escura pode tocar qualquer lugar em que esteja, ao menor que seja o sinal da alvorada. É uma presença tão impossível de evitar (e ao mesmo tempo tão próxima e concreta), que chega a sentar-se à mesa, como se fosse uma companhia. Como um hóspede ou um parceiro que constantemente comparece. Não se pode dispensá-lo, até que venha seu próprio fim. Até que os ponteiros do relógio do tempo não andem mais ou até que o silêncio da ausência de vida seja absoluto.

A tônica do assombro e da anunciação então se espraia pela poética de Levi. O espanto acaba se fazendo tão natural quanto cotidiano, e o tom profético de caráter exortativo igualmente permeia a escrita do autor, balizada pela predominância incontestável do sofrimento. Como um caleidoscópio em profusão, multiplicam-se representações dessa mesma noção de prenúnciação. Um dos poemas chama mais a atenção por se tratar do eu lírico um anjo que profetiza à mãe sobre a chegada de seu filho: aquele que seria exímio persecutor de multidões.

Anunciação

Não te espantes, mulher, com minha forma selvagem:
Venho de muito longe, em voo vertiginoso;
Talvez a voragem me tenha desarrumado as penas.
Sou um anjo, sim, não ave de rapina;
Um anjo, mas não aquele de vossas pinturas,

¹¹ LEVI, 2019, p. 43.



Descido noutros tempos a prometer outro Senhor.
Venho trazer-te uma nova, mas espera que se aplaque
O peito opresso, o asco do vazio e do escuro.
Dorme em teu ventre quem ceifará muitos sonos;
É ainda informe, mas logo lhe acariciarás os membros.
Terá virtude de palavras e olhos de encantador,
Pregará a abominação, será acreditado por todos.
Fileiras o seguirão beijando seu rastro,
Jubilosas e ferozes, cantando e sangrando.
Levará a mentira aos confins mais remotos,
Evangelizará com a blasfêmia e a força.
Dominará no terror, suspeitará de venenos
Na água das fontes, no ar dos planaltos,
Verá insídia nos olhos claros dos recém-nascidos.
Morrerá insaciado de chacinas, deixando semente de ódio.
É este o germe que cresce de ti. Alegra-te, mulher.¹²

O fio que conecta os textos referentes às más predições alinhava a questão do sentimento de desencantamento pelo mundo, principalmente em tempos de guerra. A desolação é a única maneira com a qual se pode lidar ao receber e/ou comunicar mensagens tão nefastas. Se a boa nova dada pelo anjo Gabriel à Maria, mãe de Jesus, como diz a tradição cristã, versava sobre a chegada de um salvador, a notícia proferida por aquele que se assemelha à ave de rapina, em voo vertiginoso, fala de um homem sedento por violência. Em suma, enquanto um diria respeito à vida, o outro apontaria para a morte. Enquanto o primeiro viria em resgate dos homens, o outro viria para sua total condenação.

Mais do que eventualmente nos colocarmos em lugar desse eu lírico que seria o próprio anjo caído, existe no texto a construção do ensejo para que nos coloquemos também no lugar da mãe, cujo ventre estaria gerando um líder abominável, capaz de hipnotizar a todos com seu discurso de ódio. O convite da poética de Levi é então que ou nos coloquemos como quem anuncia o mal ou nos posicionemos como quem ouve tais palavras de assombro. Enquanto Maria provavelmente ficou maravilhada, a mãe de um dos maiores algozes da humanidade teria ficado consternada com a notícia.

Esse poema de Levi parece afinado com uma passagem de David Grossman, em *Ver: Amor* (2007), na qual chama-se a atenção para “o pequeno nazista que existe dentro da gente”. Assim como o eu lírico de “Anúnciação” reconhece que as massas seriam

¹² LEVI, 2019, p. 67.



seduzidas pelas palavras e pelo olhar daquele que nasceu para pregar a abominação, um dos narradores do romance escrito pelo autor israelense alerta para que tomemos cuidado com esse componente que está em nós: uma espécie de gene que nos impele à intolerância e à aceitação de discursos de violência.

A expressão aparece em vários momentos diferentes e a partir dela uma sigla é criada (PNQEDG). Toda vez que um episódio de agressão está para acontecer, a abreviatura surge novamente em referência ao potencial de barbárie que está em vias de operar. Observemos como a expressão é abordada pela primeira vez, em *Ver: Amor*:

Estranho, ele pensou que sempre falam do “pequeno nazista que existe dentro da gente” (doravante: PNQEDG), e a referência é a coisas erradas, a coisas que são tão fáceis de localizar e definir. Uma crueldade animalesca, por exemplo. Ou o racismo de todo tipo. E xenofobia. E assassinato. Mas estes são apenas os sintomas externos da doença.¹³

Quem pensa sobre essa questão é Anshel Vasserman, avô de Momik e sobrevivente dos campos de concentração, em um momento de digressão, enquanto sua atividade principal é narrar histórias para Neigel (comandante da SS). A expressão “pequeno nazista que existe dentro da gente” soa para ele como um apontamento de atitudes evidentemente cruéis, as quais ele chama de “animalescas”. O personagem reflete sobre sermos capazes de atitudes bárbaras (mas supostamente de menor escala), consideradas tão próprias do “pequeno nazista que existe dentro da gente” quanto o extermínio perpetrado pelos alemães na Segunda Guerra, por exemplo. As ações flagrantemente violentas são só sintomas externos da doença, mas há sintomas internos e gestos pequenos mais complexos de identificar.

Destaque-se, ainda, o aspecto enciclopédico do trecho, característica proeminente desse texto que inaugura o pós-modernismo literário em Israel.

Ao retomar o final dos versos do poema de Levi, as últimas frases dizem: “É este o germe que cresce de ti. Alegra-te mulher”. Tal encerramento vem carregado de conformismo, tanto quanto de ironia. Afinal, que contraste é esse entre o imperativo de alegrar-se com o do fato de estar gestando um ser profeticamente abominável? Aliás, a ironia é, em geral, outro elemento frequente nos textos do escritor turinense.

O leitor atento de Primo Levi também vai reparar que não é incomum o aparecimento de diferentes animais e insetos em seus poemas (além do corvo, elefante, caracol e

¹³ GROSSMAN, 2007, p. 350.



aranha figuram na lista, por exemplo). Isso talvez porque Auschwitz tenha mesmo um quê de animalização pura do ser humano, que transborda degradação para todos os lados. É como se, muitas das vezes, toda a humanidade se esvaísse e só restasse o contexto repulsivo para o homem habitar. Em poema intitulado “A mosca”, tem-se essa noção:

[...]

Tiro alimento

Até de remédios descartados,
Porque nada me estraga,
Tudo me nutre, reforça, beneficia;
Matérias nobres e ignóbeis,
Sangue, pus, refugos de cozinha:
Transformo tudo em energia de voo,
Tanto demanda meu ofício.
Sou a última a beijar os lábios
Secos dos moribundos e morituros.
Sou importante. Meu sussurro
Monótono, irritante e insensato
Repete a única mensagem do mundo
Aos que atravessam a soleira.
Aqui eu sou a senhora:
A única livre, solta e sã.¹⁴

Nesse excerto, atinamos para o fato de que o alimento ideal para mosca é o mundo em decomposição. Ela se aproveita de tudo, inclusive da boca seca dos desenganados e dos mortos. Então, nesse sentido, o homem não só habitaria o mundo em putrefação como seria ele próprio essa substância irrecuperável. E como o nazismo deu provas, seria o homem mesmo capaz de se alimentar da morte de seus semelhantes.

O que não se pode deixar de abordar também é que Levi não escreve em formas fixas, embora haja em seus textos inclinação ao decassílabo – muito provavelmente por conta da tradição italiana dos sonetos. Além disso, as imagens trabalhadas em seus poemas requerem maior cuidado no momento da análise, já que não são tão claras como na prosa. É preciso maior atenção para pensar o inconsciente dos versos.

O autor prosseguiu escrevendo poemas com o avançar das décadas, com média de um por ano, principalmente entre 1960 e 1970. Ele mesmo afirma ser poeta de uma produção bissexta.¹⁵ Alguns vieram à lume em revistas literárias e outros integraram

¹⁴ LEVI, 2019, p. 147.

¹⁵ LEVI citado por DIAS 2019, p. 11.



uma coletânea sem o seu reconhecimento. Em 1975 ele finalmente assinou uma seleção sua, na Itália. Em 2019 foi publicada no Brasil uma antologia bilíngue de seus poemas (em italiano e português), de ordem cronológica e diarística originalmente preservada, com eleição e tradução do professor e crítico de literatura Maurício Santana Dias, intitulada *Mil sóis: poemas escolhidos*. Os primeiros textos dessa edição datam de 1946 (ano imediatamente posterior ao cessar da Segunda Guerra) e uma quantidade muito significativa foi escrita na década de 1980 (década de sua morte).

A capa de *Mil Sóis*, de Daniel Trench, remete à um tronco de árvore cortado em profundidade, que totalmente dividido e visto de cima revela múltiplas camadas em suas nuances. Essas camadas em dourado sutil estão associadas à imagem de mil sóis, que figura com frequência nos poemas de Levi. Para Rodrigues “a imagem da capa remete a uma impressão digital, o que deixa entrever a relação identitária do escritor com a obra”¹⁶. O que não se perde de vista, em todo caso, é que o profeta/poeta está identificado com sua produção, assim como estava no caso da escrita de seus testemunhos literários. Reconhecem-se em ambas as performances como escritor que sua língua é a definitivamente língua da dor.

Entre seus poemas, podemos ver que vários são os que remontam um pouco do movimento que ele incursionava em seus testemunhos: o imperativo da narração. Em “Levantar”, por exemplo, epígrafe da obra *A trégua*, o eu lírico dispara:

Sonhávamos nas noites ferozes
Sonhos densos e violentos
Sonhados com corpo e alma:
Voltar; comer; contar.
Até que soava breve e abafado
O comando da aurora:
“Wstacwac’ ”;
E no peito o coração partia.

Agora reencontramos a casa,
Nosso ventre está saciado,
Terminamos de contar.
É tempo. Logo ouviremos de novo
O comando estrangeiro:
“Wstacwac’ ”.¹⁷

¹⁶ RODRIGUES, 2019, p. 46.

¹⁷ LEVI, 2019, p. 27.



Nesses versos, a ênfase recai sobre três ações que seriam tão ansiadas pelos sobreviventes do nazismo quanto praticamente obrigatórias, se confirmadas as condições para tal: regressar à casa, saciar a fome e narrar a dor da perseguição e quase morte. Tais acontecimentos, em tempo real de prisão nos campos, parecia-lhes tão rarefeito e almejado quanto um sonho. No entanto, tudo podia ser sentido na materialidade do corpo e na abstração da alma. O corte abrupto do comando do alvorecer, em língua estrangeira, era contundente. O grito “*wstacwac’*” ordenava-os a levantar para mais um dia de trabalhos forçados em condições subumanas.

A questão é que nem a expiação supostamente conferida pela passagem do tempo e pelo fato de não conhecer o fim último da destruição serve de concreto alívio. Essa segunda estrofe demonstra que não há mais possibilidade de reconciliação com a vida, pois ao final de tudo sempre se estará na iminência de ouvir o berro em polonês. É como se uma angústia demasiadamente densa e aguda fosse incapaz de se dissolver por completo e a sensação de ameaça fosse sempre sentida por cada célula do corpo. “[...] a experiência já não tem a forma de um sonho, e sim a de uma certeza profética”.¹⁸

Voltar para casa, fazer refeições normalmente e poder transmitir a experiência da barbárie não dissipam o fato de que algum dia aquele grito ecoou em regime diário. De que o homem foi capaz de se forjar lobo do próprio homem, fazendo disso seu *modus operandi* sistemático. Nada impede que o berro ainda seja ouvido pelos indivíduos que viveram tamanha tragédia, pois o trauma consiste justamente nisso: “ser uma memória de um passado que não passa”.¹⁹

Na visão de Giorgio Agamben sobre a matéria desse poema de Levi,

O problema ético mudou radicalmente de forma nesse caso: já não se trata de derrotar o espírito de vingança para assumir o passado, para querer que ele volte eternamente. Nem se trata de manter com firmeza o inaceitável por meio do ressentimento. O que temos agora pela frente é um ser para além da aceitação e da rejeição, do eterno passado e do eterno presente – um acontecimento que eternamente volta, mas que, precisamente por isso é absoluta e eternamente não-assumível. Para além do bem e do mal, não está a inocência do devir, porém uma vergonha não só sem culpa, mas por assim dizer, já sem tempo.²⁰

¹⁸ AGAMBEN, 2008, p. 107.

¹⁹ SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69.

²⁰ AGAMBEN, 2008, p. 107.



A passagem-chave desse fragmento do teórico também italiano talvez seja “Nem se trata de manter com firmeza o inaceitável por meio do ressentimento”. No coração da sua formulação, a dialética: o passado e o presente estão diante de nossos olhos. Como ondas incessantes, vão e voltam nas mesmas direções. E justamente por estarem tão à nossa frente, é que não podemos aceitá-los, não podemos criar as condições propícias para realocá-los no futuro. Em essência, trata-se de um episódio que dilui o sentimento de culpa da vítima, assim como constrange para além dos alemães nazistas. Diz-se sobre um evento que desonra a humanidade inteira não ter mais lugar no mundo.

Na esteira do mesmo tópico sobre o imperativo de falar, vale a pena trazer de volta fragmentos do poema “Shemá”:

[...]
Meditai que isto aconteceu:
Vos comando estas palavras.
Gravai-as em vossos corações
Estando em casa, caminhando na rua,
Deitando, levantando:
Repeti-las a vossos filhos.
Ou que vossa casa se desfaça,
A doença vos impeça,
Vossa prole desvie o rosto de vós.²¹

Os versos do texto mesclam-se aos versos da oração judaica. Aqui, voltamos, portanto, a mencionar a questão dos textos que habitam os textos de Levi. Uma das principais preces do judaísmo surge agora reconfigurada, com a dor de um dos maiores massacres da humanidade levada ao paroxismo. É necessário, então, pensar sobre a tragédia, gravar essas palavras de ordem no coração e, ao executar qualquer ação convencional do dia a dia, transmitir às gerações posteriores o que aconteceu, sob punição do desmoronamento da própria casa, enfermidade ou gesto de rejeição da descendência. Trata-se de uma quase maledicência proferida à própria sucessão parental.

Em relação à questão da narrativa de experiência de guerra, imediatamente recordamos como Benjamin começou a abordar o tema, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. Ainda no período da Primeira Grande Guerra, ele refletiu, por exemplo, sobre como os combatentes voltavam mais pobres em termos de experiências comunicáveis, e não mais ricos. E assim, com o advento do desenvolvimento, abateu-se sobre o homem uma nova miséria. Para recobrar suas palavras: “Sim, confessemos:

²¹ LEVI, 2019, p. 25.



essa pobreza não é apenas pobreza em experiências privadas, mas em experiências de humanidade em geral. Surge assim uma nova barbárie”.²²

Soma-se a isso, ainda, o fato de que “Em todo luto, há uma profunda inclinação para a ausência de linguagem ou uma aversão a comunicar”.²³

Mas Levi não foi só o autor que nos exortou sobre a necessidade e a obrigação de falar sobre o assunto. Levi também foi o poeta que em certa medida reconheceu o silêncio e cansaço que ter vivido um tempo tão difícil provocou. Levi também parece admitir que o silêncio comunica e comunica de maneira eficaz. O autor de “Shemá” é o autor também de “Encargos precedentes”, em que o eu lírico desabafa:

Não queria perturbar o universo.
Gostaria, se possível,
De me afastar em silêncio
Com o passo leve dos contrabandistas
Ou como quando se abandona uma festa.
Suspender sem estridores
O pistão obstinado dos pulmões,
E dizer ao caro coração,
Músico medíocre e sem ritmo:
- Depois de 2,6 bilhões de batidas
Já deve estar cansado; então chega, obrigado.
Se possível, como eu dizia;
Se não fosse pelos que ficam,
Pela obra ainda inacabada
(Toda vida é inacabada),
Pelas dobras e chagas do mundo;
Se não fosse pelos encargos pendentes,
Pelos débitos pregressos,
Pelos inderrogáveis empenhos precedentes.²⁴

As linhas de força identificadas entre a produção poética de Levi estão muito associadas, como não poderia deixar de ser, à sua vivência no Lager. As imagens de assombros que não cessam e os atos de predições que sempre convergem para um momento ainda pior do que aquele que se vive sedimentam uma dimensão aporética da vida após Auschwitz. No poema “Encargos pendentes” o dia a dia está

²² BENJAMIN, 2012, p. 124-125.

²³ BENJAMIN, 2013, p. 71.

²⁴ LEVI, 2019, p. 133.



completamente afetado pela vida pregressa, ambientada na guerra. Desejar pelo apagar das luzes em silêncio talvez diga sobre a condição extenuante de ocupar um lugar no mundo depois de tamanha barbárie experienciada na pele. Se não fosse pelos que ficam e pelas pendências tão ordinárias da vida, talvez o eu lírico sorrateiramente saísse de cena.

Há quem diga que a morte de Primo Levi estaria associada à certa exaustão em continuar vivendo, depois de ter passado pelos horrores do Holocausto. Especula-se que uma depressão grave teria afetado o escritor de tal forma, que teria atentado contra própria vida.

O eu lírico de “Canto dos mortos em vão” inclina-se para esse tipo de reconhecimento de que o mundo está invariavelmente sem expectativa de redenção, já que habitá-lo consiste em ter que conviver com a tristeza dos tempos passados e com os maus presságios relativos ao futuro. Tudo o que nos resta seria então continuar vivendo em meio às nossas mazelas pessoais e coletivas, sem probabilidade de mudança no *status quo* da humanidade que, como asseguraria o filósofo e teórico alemão: “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é a regra”.²⁵

Sentem-se e negociem
À vontade, velhas raposas prateadas.
Vamos emparedá-las num palácio esplêndido
Com comida, vinho, boas camas e fogo
Contanto que negociem e acordem
As vidas de nossos filhos e as suas.
Que toda a sabedoria da criação
Concorra para abençoar suas mentes
E as conduza pelo labirinto.
Mas fora, no frio, as esperaremos nós,
O exército dos mortos em vão,
Nós do Marne e de Montecassino,
De Treblinka, de Dresden e Hiroshima:
E estarão conosco
Os leprosos e os tracomatossos,
Os desaparecidos de Buenos Aires,
Os mortos do Camboja e os que vão morrer na Etiópia,
Os derrotados de Praga,
Os exangues de Calcutá,
Os inocentes massacrados em Bolonha.

²⁵ BENJAMIN 2012, p. 245.



Ai de vocês se saírem em desacordo:
Serão esmagados em nosso abraço.
Somos invencíveis porque vencidos.
Invulneráveis porque já extintos:
Nós rimos de seus mísseis.
Sentem-se e negociem
Até que suas línguas sequem:
Se persistirem o dano e a vergonha,
Nós as afogaremos em nossa podridão.²⁶

Não há trégua que suspenda a violência da contemporaneidade como sua marca irrefutável. Empilham-se os mortos em vão. Milhões de ceifas porque raposas prateadas negociam vidas alheias como se fossem rifas. No poema de Levi, juntam-se as vozes de todas as vítimas dos episódios mais diversificados da impiedade humana passada e atual, como um coro que canta em uníssono sua chaga de amargura. A batalha por Roma, os conflitos na Europa durante a Primeira Guerra Mundial, os campos de trabalhos forçados, concentração e extermínio durante a *Shoá*... As bombas nucleares no Japão, as ditaduras na América Latina, as guerras coloniais na África e tantos outros episódios de barbárie engendraram assassinatos em massa pelos seis continentes da Terra.

E justamente porque sagram-se os perseguidos, que os perseguidores já estão condenados. Os executores “Serão esmagados em nosso abraço” e os próprios vencidos se consolidam como invencíveis, pois a tentativa de devastação não logrou êxito. Os invulneráveis são justamente esses, pretensos extintos, que sobreviveram para contar sua história quando tudo ao seu redor indicava que iam perecer. Os que hoje riem dos mísseis são esses que receberam de seus ancestrais o testemunho que também passam adiante, sobre como as gerações vêm resistindo à intenção de outrem de fazerem morrer física e espiritualmente.

No versos finais, o assombro das maldições proferidas pelo eu lírico como profecia: Sentem-se e negociem / Até que suas línguas sequem: / Se persistirem o dano e a vergonha, / Nós as afogaremos em nossa podridão.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2008.

²⁶ LEVI, 2019, p. 135.



BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, V. 1)

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. Jeanne Marie Gagnebin (org.). 2ª. ed. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2013.

DIAS, Maurício Santana. A poesia de um sobrevivente. In: LEVI, Primo. *Mil sóis: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Todavia, 2019.

GROSSMAN, David. *Ver: Amor*. Tradução de Nancy Rozenchan. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. *Mil sóis: poemas escolhidos*. Seleção, tradução e apresentação de Maurício de Santana Dias. São Paulo: Todavia, 1ª Ed., 2019.

MACÊDO, Lucíola Freitas de. Primo Levi: sonho, poesia e política. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, nov. 2019.

RODRIGUES, Breno Fonseca. A poesia como herança genética em Primo Levi. *Annales FAJE*, Belo Horizonte-MG, v. 4, n. 3, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

Recebido em: 28/03/2022.

Aprovado em: 01/04/2022.